

A FIDELIDADE AOS COMPROMISSOS DEFINITIVOS

Eduardo López Azpitarte S.J.

Duas atitudes contraditórias

O tema continua sendo cada vez mais discutido em muitos ambientes. Frente à defesa socialmente aceita da fidelidade, como cumprimento das promessas contraídas no matrimônio e na vida sacerdotal ou religiosa, levantam-se hoje uma série de críticas. Para muitos, a ruptura de um compromisso já não constitui abandono ou traição; pelo contrário, aparece antes como gesto de valentia e coragem para romper com todo o anterior, que agora se vive como uma carga pesada e imposta; ato profundo de sinceridade para se viver de acordo com as exigências atuais, à margem do que se havia prometido em outras circunstâncias diferentes; opção, em última análise, pela liberdade, que impulsiona a superar qualquer tipo de escravidão, de passividade, de inércia, de vulgaridade.

O homem livre não se deixa acorrentar pelo passado, como se não lhe restasse outra saída além da resignação fatalista ao que pôde ser fruto do erro, da ingenuidade ou de um ideal demasiado exagerado. Como tampouco deve fechar o futuro a suas múltiplas possibilidades inéditas e desconhecidas, eliminando para sempre outros caminhos de realização, que se apresentarão talvez como melhores. O único importante seria a fidelidade ao momento presente, para vivê-lo em todo o seu realismo e plenitude. Qualquer outro compromisso se revestir-se-ia de um caráter alienante, pois estaria motivado por interesses ocultos: narcisismo, medo à liberdade, sentimento de culpa...

Outros, entretanto, lamentam com saudade a perda de um valor que vai desaparecendo de nossa sociedade atual. O consumismo penetrou também na esfera dos compromissos mais sagrados, e a perseverança se torna cada dia mais difícil. Tudo está feito para a utilização momentânea, à espera de uma nova oferta no mercado, que nos faça deixar de lado o produto anterior como velho e caduco. Por isso as pessoas sentem um medo atroz a toda vinculação que se considere definitiva. Já não são capazes de arriscar-se por algo que valha a pena, pois experimentam, mais do que nunca, uma tremenda insegurança frente ao desconhecido.

A tolerância e a benevolência que se manifestam para com os que abandonam seus compromissos, não são apenas compreensão pelas pessoas, respeito às suas decisões mais íntimas; significam, sobretudo, uma

esclerose generalizada e uma falta de sensibilidade, que impedem a valoração positiva de um valor tão básico como a fidelidade e a observância de compromissos sagrados. Vive-se a ruptura como um fato tão normal, que já não se sente como conduta culpável. A covardia, incoerência ou abandono, preferimos designá-los com eufemismos, em lugar de reconhecer o fracasso que toda infidelidade supõe.

Consequências atuais: necessidade de esclarecimento

Essa situação contraditória provoca com freqüência uma sensação de incerteza ou suspeita. Assistimos à perda de um valor profundamente humano e religioso, ou se trata, na realidade, de uma alienação? O que se deve fazer: uma apologia da fidelidade, ou antes insistir nos seus perigos e ambigüidades?

A crise não se manifesta somente a nível prático, senão que, como é natural, encontra também um apoio ideológico que tenta justificar ambas as posturas¹. Aborda-se essa realidade desde perspectivas diferentes. Sua valoração vai depender, em grande parte, da imagem que cada qual se tenha esboçado da fidelidade, pois se torna fácil atacar uma idéia quando dela se fez uma simples caricatura. E esta se pode realizar, com traços demasiado irrealis e absurdos, defendendo ou atacando, tanto a perseverança até à morte, como a ruptura de qualquer compromisso.

Por outra parte, tampouco convém esquecer as diversas formas de se traduzir a fidelidade na vida concreta de cada indivíduo. Seu rosto se ilumina com matizes diferentes segundo as circunstâncias pessoais, os elementos que a determinam ou as motivações de fundo. Haverá, sem dúvida, "fidelidades" que não se devem guardar, como "infidelidades" que se comprovam mais positiva e criadoras; porém semelhantes possibilidades não eliminam a existência de traições culpáveis, nem de compromissos heróicos que se mantêm para ser fiel à promessa feita.

¹ Como exemplo típico, pode-se ver o livro de J. GONDONNEAU, *La fidelité*, Casterman, Tournai, 1971, onde a infidelidade aparece como fator de equilíbrio e alegria. No matrimônio, seria sinal de haver superado o instinto de propriedade, característico do casal monogâmico. Cf. uma breve crítica em X. WATTIEUX, "La fidelité: repères bibliographiques", *Rev. Théol. Louvain* 5 (1974) 350-352. Sem tantos radicalismo, ver também P. DE LOCHT, *Les risques de la fidélité*, Du Cerf, Paris, 1972. Sua crítica em G. SALES, "L'horizon de la fidélité", *Vie Consacrée* 45 (1973) 351-360. Como defesa da fidelidade, O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Elogio de la encina. Existência cristiana y fidelidad creadora*, Sígueme, Salamanca, 1973; e V. AYEL, *Compromissos y fidelidad para tiempos de incertidumbre*, Claretianas, Madrid 1977, cuja leitura recomendo. H. LEPARGNEUR, *O questionamento atual da fidelidade: na família, na sociedade, na Igreja*, Vozes, Petrópolis 1983.

O que significa que não podemos prestar culto à fidelidade, mas tampouco destruí-la como se fosse um falso ídolo, enquanto não soubermos qual seja sua verdadeira imagem, como evitar suas falsificações, por que nasce a crise e a dificuldade e em que radica finalmente sua possibilidade e valor. Por isso, queremos agora refletir sobre esses pontos, que parecem fundamentais. As considerações serão válidas para qualquer tipo de compromisso, porém procuramos dar-lhes uma dimensão religiosa. Mesmo aceitando a riqueza e conteúdo de toda fidelidade humana, quem crê descobre em sua fé, — como veremos —, uma motivação mais forte e definitiva².

A fidelidade a serviço de um valor

Para compreender melhor sua natureza, seria necessário, em primeiro lugar, negar-lhe uma prioridade absoluta, como se ela fosse a base e o começo de todo valor. Sua função não consiste em criar algo, em ser fonte de vida para dar à luz uma nova realidade, como se se tratasse de uma iluminação que se abre à existência, senão que busca prolongar e manter o que já nasceu. Com um carinho entranhado, como o médico que se aproxima do recém-nascido, fará tudo para que esse rebento de vida já existente não se enferme ou paralise, mas se desenvolva e evolua, apesar de todas as dificuldades, até sua plenitude final.

Dito de outra forma, a fidelidade tem como tarefa específica fazer com que aquele valor que estimamos digno de perseverança, se conserve intato no tempo, superando os obstáculos que possam pôr em perigo sua existência ou evolução. Seria como um desejo apaixonado pela continuidade, não por simples conservadorismo do passado ou por medo do inédito diante do porvir, mas porque se experimentou a sedução de uma pessoa e/ou de um compromisso pelo qual vale a pena existir e arriscar a própria vida. Não é como qualquer das outras virtudes que têm consistência própria em si mesmas, uma natureza substantiva que exige sua imediata realização. A fidelidade se revela somente como um humilde atributo daquele valor — o único verdadeiramente importante — que desejamos defender contra o desgaste do tempo e proteger da fragilidade que todo projeto humano encerra. Não possui, pois, nenhu-

² Apesar da importância do tema, a bibliografia não é abundante, como se poderá ver pelas notas. Nem mesmo nos mais recentes dicionários de moral ou espiritualidade aparece um estudo do termo. Somente B. HARING, *Livres e fiéis em Cristo*, Paulinas, São Paulo, 1982, vol. II, lhe consagra as páginas 59-80. Entretanto, já muito se escreveu sobre a fidelidade de Deus, tema no qual agora não entramos.

ma autonomia, já que se trata apenas de estar por completo a serviço daqueles valores a que assegura permanência e estabilidade³.

Se sua tarefa consiste em que a novidade de um começo — pequeno, idealizado e quebradiço — alcance sua realização final e continue adiante seu caminho sem o cansaço ou o desespero do abandono, toda a sua riqueza ficará condicionada e determinada pelo valor substantivo que pretende conservar. A fidelidade será sempre ambígua enquanto não soubermos com clareza a que valor queremos servir e porque desejamos conservá-lo ao abrigo de toda possível ruptura. Poderiam existir, pois, fidelidades pelas quais não vale a pena lutar, já que ninguém está obrigado a manter tudo a que um dia quis dar existência. Nem todo valor tem caráter absoluto e nem sempre seria bom pôr à sua disposição a força da fidelidade.

Fidelidade radical e fidelidades secundárias

A partir deste pressuposto, urge dizer então que, como para quem crê o único valor incondicional é a entrega e o abandono a Deus acima de todas as coisas, a única fidelidade absoluta e básica do cristão consistirá em manter esse amor como valor supremo de toda sua existência. O esforço estará orientado para que sua opção religiosa permaneça intangível, recriando-a de maneira constante para que, em meio às tensões e dificuldades, à evolução e às mudanças necessárias, ao cansaço e às incertezas, a amizade com Deus se conserve e continue para sempre. As demais fidelidades não são senão expressão e símbolo desta outra mais radical e permanecem, portanto, a ela subordinadas. Se se conservam, é porque assim se manifesta e se explicita a primazia de Deus na própria vida⁴.

Sublinhar a importância dessa fidelidade primeira, como ponto de partida e explicação de todos os demais compromissos, não supõe menosprezar ou diminuir o valor destes últimos. O homem não pode, na verdade, sentir-se satisfeito com uma entrega abstrata a Deus, se não a traduz em outros gestos mais particulares. A vida se configura de uma maneira determinada, adota um estilo concreto, toma uma orientação particular, porque se quer assim simbolizar, como em todos os demais

³ Cf. Y. LEDURE, "De la fidélité", *Supplément* 30 (1977) 323-332.

⁴ Cf. M. LÉGAUT, "Fidélité dans l'engagement et fidélité fondamentale", *Lumière et vie* n.º 110 (1972) 37-58. M. BELLET, "Hors frontières", *Christus* n.º 77 (1973) 57-70, e M. DíEZ PRESA, "Fieles, Por qué? y a quién?" *Vida Religiosa* 58 (1982) 369-382.

pequenos atos, o carinho que se experimenta por uma pessoa, ainda que seja na distância e penumbra da fé.

Parece, portanto, coerente que, quando alguém descobre por uma chamada interior que sua opção preferencial pode ser vivida através de um caminho específico — matrimônio, vocação sacerdotal ou religiosa, para citar os mais gerais e institucionalizados — também se comprometa a conservar, de maneira estável e definitiva, o que para ele responde a seu projeto pessoal mais íntimo e mais profundo. Uma urgência que, mesmo se traduzindo para cada um de formas muito diferentes, se converte numa autêntica vocação, porque inclina e impulsiona para um gênero de vida concorde e em harmonia com o sim radical a Deus. Escolhe-se um caminho ou se faz determinada opção, com a qual a pessoa deseja comprometer-se definitivamente, não por fidelidade a leis, para observar normas, ou por apego a costumes e idéias, mas porque assim, conservando com idealismo e cuidado tal compromisso, se mantém algo muito mais importante: o amor a uma pessoa⁵.

A dimensão pessoal contra a inércia do costume

Nenhuma fidelidade teria sentido, portanto, se não estivesse, de forma mais ou menos direta, em estreita relação com o amor pessoal. No fundo deste sonho e ideal de perseverança, reflete-se sempre o rosto de alguém que para quem crê se escreve com maiúsculas, cujo olhar ilumina a existência e faz suportar a longa e custosa espera do caminheiro que ainda não chegou à meta final. É a fidelidade que preenche de conteúdo as outras fidelidades menores, como o coração quando se faz presente nos detalhes singelos de cada dia. Aqui radica sua verdadeira natureza e significação para distingui-la de outras falsas imitações e caricaturas que não têm nenhuma semelhança com seu autêntico rosto. A palavra é cumprida, porque, como a palavra sincera, revela a verdade interior de uma entrega mais profunda. É o sinal manifestativo de que aquela ainda resiste e renasce em cada momento com um impulso inextinguível.

Por isso, não tem nada a ver com o costume que se gera muitas vezes pela simples repetição de atos, mantendo-se até por certa inércia, como um reflexo condicionado que faz parte dos próprios mecanismos e até facilita as reações e movimentos humanos. Os dois se limitam com

⁵ Sobre os modelos éticos subjacentes à interpretação da fidelidade, cf. J. M. HENNAUX, "Deux manières de poser la question de la fidélité", *Vie Consacrée* 45 (1973) 361-365. E A. GUINDON, "Patterns of Sexual Fidelity and Ethical Paradigms", *Église et Théologie* 11 (1980) 111-153, que, ainda que se refira à do matrimônio, é aplicável também a outras fidelidades.

uma fronteira comum — a perseverança —, porém a forma de vivê-la impede a passagem de um reino para o outro e os separa com clareza. O costume é uma perseverança que inclina a continuar na mesma direção, de maneira rotineira, por preguiça e comodidade, para não mudar os hábitos adquiridos e tornar o esforço mais tolerável; por covardia e medo, para não se enfrentar com a novidade do desconhecido. A mera repetição degenera, inclusive, em mais uma das muitas manias que ameaçam o homem. No entanto, que uma esclerose como esta ninguém chame de fidelidade. É demasiado fria e estéril para ter esse nobre nome, porque em tal permanência não existe capacidade para recriar agora o passado com o mesmo amor e nem para ficar aberto à novidade do futuro com novo entusiasmo. Não é a monótona repetição de atos o que adjetiva como fiel um comportamento, mas a decisão renovada de com eles expressar o carinho de sempre.

Outras falsificações: a obstinação e a sinceridade

A fidelidade tampouco encerra semelhança com a pura tenacidade em manter o prometido. Semelhante obstinação está com frequência enraizada nos recônditos de nosso narcisismo. Mantém-se a fidelidade por orgulho, simplesmente para se ter a satisfação do dever cumprido, e para que nem os outros e nem a própria consciência possam considerá-los traidores. Uma observância da lei que gratifica, muito próxima à atitude hipócrita do fariseu. Interessa conservar as aparências, o cumprimento externo, a sensação benéfica de estar livres da culpa e de merecer, por isso, a estima e a aprovação. O que se teme não é o risco de romper com um amor, mas com a imagem de um eu idealizado; o que dói por dentro não é o sentimento de haver destruído uma amizade, mas de haver perdido a honra. O compromisso jurídico oculta, nestas circunstâncias, uma patologia da promessa que agora interessa conservar por uma série de motivações psicológicas e narcisistas⁶. Uma perseverança que poderia degenerar também em vulgar teimosia. Porém nada mais longínquo da fidelidade que essa caminhada solitária, tensa, inflexível e rigorista, em busca de um ideal tão obstinado e infantil, onde não resta nenhum espaço para a comunhão pessoal.

Muitas vezes hoje se confunde também um compromisso fiel com a sinceridade da própria conduta. Rechaçamos como hipocrisia tudo o

⁶ Cf. D. WIDLOCHER, "Aproximación psicológica al problema de la fidelidad" em AA.VV., *Divorcio e indisolubilidad del matrimonio*, Herder, Barcelona, 1974, 109-127. T. ANATRELLA, "La fidélité à l'épreuve de l'inconscient", *Supplément* 30 (1977) 259-280.

que não é autêntico, isto é, tudo o que não responde à nossa realidade interior. Por isso se insiste na necessidade de ser fiel a si mesmo, atuando de acordo com as exigências que brotam do coração. Pois bem, a autenticidade — a que de forma nenhuma negamos valor — não é a virtude que oferece a continuidade e a perseverança, mas a coerência com o sentimento presente, a exatidão com o instante que se vive; no entanto, a situação atual nem sempre está de acordo com a decisão primeira, com a vivência profunda daquilo que alguém quis ser e ainda pretende vir a ser. Os motivos mais profundos ficariam assim encobertos por outros mais superficiais. E a fidelidade não consiste em submeter-se passivamente às exigências do momento — muitas vezes mais periféricas que as que fervilham por dentro — mas em harmonizar o presente com esse projeto global que continua sendo válido, apesar de tudo, e que expressa a opção radical do homem. Quem buscasse apenas esta sinceridade aparente, tornar-se-ia escravo de cada instante e deveria renunciar por completo a vislumbrar o futuro com algum entusiasmo e idealismo.

As falsificações poderiam multiplicar-se em outras condutas diferentes⁷, porém faltaria a todas elas o sinal específico da autêntica fidelidade: pô-la a serviço de um amor que se renova a cada dia, como se voltasse a renascer. A única coisa que isso significa é que há falsas e verdadeiras fidelidades, que a ambigüidade é possível tanto na ruptura de um compromisso como na continuidade de uma perseverança. O discernimento não se realiza somente com a análise externa de uma conduta, mas através das motivações profundas que a sustentam.

A gênese de um conflito: entre o imobilismo e a novidade

Nunca é fácil a fidelidade. A crise pode afetar o mundo das relações mais pessoais com Deus. A perda da fé, ainda que o tema exija um tratamento mais amplo devido à sua complexidade, poderia estar relacionada com uma incoerência culpável. Não esqueçamos que desde o início se designou o cristão com o substantivo fiel. Não entremos agora, porém, nesta temática; limitar-me-ei às obrigações adotadas por uma pessoa que deseja comprometer-se definitivamente para assim viver sua consagração batismal ao Senhor. A decisão se torna justificada pela coerência e harmonia entre ambos os projetos, já que o compromisso mais

⁷ V. AYL, "Dynamique de la fidélité. Approches d'anthropologie spirituelle", *Rev. Droit Canon.* 33 (1983) 213-231.

"jurídico" do matrimônio⁸ e da vocação sacerdotal ou religiosa foi feito precisamente como a forma concreta de realizar aquela primeira doação. Enquanto não surgirem antagonismos, a vida continuará sem crises profundas, mas nem sempre é possível conservar este clima sereno.

E a dificuldade nasce porque ser fiel encerra em seu interior uma dupla exigência, contraditória à primeira vista. Requer, por um lado, a negação de mudança diante de um futuro que se vislumbra, mas que nem sempre corresponde ao que a pessoa imaginava. A partir do aqui e do agora há uma renúncia a todas as possibilidades que não concordem com a opção escolhida e que, na medida em que se fazem presentes oferecendo-nos seu convite, despertam necessidades ocultas. O homem se cansa com a monotonia do conhecido e qualquer experiência nova o atrai como um alívio em seu esforço de continuidade. O inédito rompe o cansaço psicológico de repetir sempre o mesmo caminho. E por dentro, como uma nostalgia escondida, lateja o desejo inquieto de alguma pequena aventura que suavize o realismo da própria existência. Manter-se fiel, desde dessa perspectiva, supõe a aceitação de certo imobilismo, porque rechaça novamente o que a pessoa um dia quis abandonar e, ainda que agora o deseje, sabe que não deve buscá-lo.

No entanto, por outra parte, a fidelidade exige também uma recriação constante, como dissemos, para acomodar-se às novas circunstâncias. A vida se desdobra na evolução e nenhuma outra realidade humana — nem mesmo o amor — pode escapar desse tributo ao tempo. Se consistisse somente em conservar o passado, seria algo aterrador e físcista, porque nos tornaríamos escravos de uma imobilidade muito próxima à morte. Existem mudanças pessoais, urgências diferentes, sensibilidades diversas... que exigem uma inovação criadora dentro da própria fidelidade. Como o carinho que no entardecer da vida continua sendo o mesmo, mas, por sua vez, tão diferente daquele dos primeiros tempos.

Esta renovação constante é o que impede de ficarmos aferrados ao passado, fixarmo-nos somente no presente, ou vivermos exclusivamente projetados para o futuro, porque harmoniza entre si as três dimensões: recria o anterior em um agora que nos deixa abertos às novas exigências do porvir. A fidelidade que não muda, esclerosase. E também sabemos por experiência que custa muito ao homem mudar, porque a rotina lhe é mais cômoda e exige menos criatividade. Manter-se fiel, a partir desta perspectiva, é viver com uma agilidade ágil e sensi-

⁸ Ao falar aqui do matrimônio, fazemo-lo no âmbito da fé — "casar-se no Senhor" era uma terminologia clássica dos que creem — e não como de um simples compromisso humano que teria também validade e consistência por si mesmo.

vel para se adaptar, portanto, às novas circunstâncias. Numa palavra, trata-se de não mudar por fidelidade e de ser fiel na mudança. Um paradoxo aparente que só é compreendido por aquele que o aceita e se entrega a vivê-lo.

Esforço e ousadia para superar as dificuldades

Viver em coerência com o compromisso aceito não se consegue de maneira definitiva nem espontânea, como se se tratasse de um dom oferecido pela natureza ou de um exame para sempre superado depois de um longo esforço⁹. Qualquer tipo de fidelidade está ameaçado pela inconstância, porque a todos custa trabalho perseverar. Requer-se uma luta constante para não se deixar absorver pelas novas possibilidades que se apresentam e a que se havia renunciado anteriormente. É necessário ir encaixando com afinco o futuro na promessa realizada, já que o ajustamento entre o que foi dito e o que está por vir não se efetua sempre como um processo biológico e natural.

No fundo de todo compromisso definitivo está presente uma certa dose de risco e de ousadia. Ninguém sabe com exatidão a que se compromete, por muito que reflita sobre o que isso significa, até que o futuro não se converta numa realidade e nos descubra suas possíveis surpresas e imprevistos. Sabemos com quem nos comprometemos e, em função desse amor, sonhamos que é razoável e vale a pena determinado oferecimento. Porém, esse entusiasmo primeiro é necessário renová-lo cada dia, vivendo o que ele significa, para que o caminho começado não se desvie e nos conduza até o final.

Quando se perde ou se debilita o ideal, também desaparece ou diminui o dinamismo interior que nos impulsiona à perseverança. Haverá momentos de dúvida ou de vacilação em que não mais se vislumbra a promessa como dom oferecido, mas como peso e carga alienante. O que até então se vivia com gozo e consistência interior¹⁰, começa a tornar-se insuportável. As causas agora radicam na própria infidelidade que põe em perigo ou destrói a perseverança nos compromissos.

⁹ Cf. J. RÉMY, "Fidélité aux engagements et structures des changes sociaux", *Lumière et vie* nº 110 (1972) 6-24. P. BORGOMEIO, "Fragilité du définitif", *Christus* 20 (1973) 9-24. A. ROUET, "La fidélité: une illusion créatrice", *Supplément* 30 (1977) 239-257.

¹⁰ Para o estudo psicológico desta consistência interior, recomendo a obra de L. RULLA, *Psicología profunda y vocación*, 2 vol., Atenas, Madrid 1984-1985 (ver em português: L. RULLA, *Psicologia do profundo e vocação: as instituições*, Paulinas, São Paulo, 1977).

Diversos tipos de crise

E verdade que existem crises positivas e enriquecedoras. Se a fidelidade consiste em conservar um valor ao longo da vida, apesar das dificuldades, renúncias e fadigas, terá necessariamente caráter progressivo e instável. Ninguém está isento de se sentir afetado pelas limitações humanas. As próprias incoerências e fracassos poderiam levar novamente a uma maior lucidez. Também aqui se escreve direito às vezes por linhas tortas, e o risco sofrido faz renovar a decisão com um realismo mais sério. Então se descobre muito melhor a riqueza de uma palavra que se aprende a repetir sem nenhum titubeio. Até a beleza de uma paisagem não se daria sem o contraste de algumas sombras. A fidelidade se enxerta muito mais no coração da vida do que na minúcia dos detalhes. Porém somente quando o coração periga, é possível compreender melhor a importância do que se considerava secundário. A experiência serve então para o amadurecimento de todo o processo.

Não obstante, também é possível a alternativa contrária. Essa falta de esforço e tensão, indispensável para se tentar viver coerentemente, provoca a perda progressiva de todo ideal para continuar adiante. Já não existe nenhum estímulo interior para aceitar as conseqüências do que se havia prometido. O fracasso se consumou, ainda que não seja fácil reconhecê-lo e se queira dissimular com diversas justificativas. Se não se solicita a dispensa correspondente, seria necessário perguntar-se pelos motivos, mais ou menos ocultos, dessa aparente fidelidade que se reduziu a uma vulgar perseverança.

Finalmente, a fidelidade mais profunda a Deus poderia se tornar incompatível com a fidelidade prometida à instituição, quando se descobre que esta foi tomada por um erro lamentável, com uma boa vontade que superava as próprias capacidades, sem um mínimo de maturidade e conhecimento, que diminuem a validade do compromisso, ou por outra série de razões ocultas e inconscientes que a vida se encarregará de explicitar, em algumas ocasiões, com bastante atraso. Determinados acontecimentos objetivos e imprevistos poderiam justificar também mudança de rumo, sempre que constituíssem um sério obstáculo para a opção por Deus. Busca-se outro caminho por fidelidade a um valor superior, o que supõe também uma decisão custosa, incômoda e arriscada. Depois de haver entregue uma parte da própria vida é necessário recomençar e reconhecer algum tipo de equívoco que outros verão como um fracasso¹¹. Nestas circunstâncias, a permanência explicar-se-ia também

¹¹ N. N., "Ceux qui partent", *Christus* 20 (1973) 51-56. Th. MATURA, "Et ceux qui s'en vont", *Vie consacrée* 45 (1975) 339-348. A. JIMÉNEZ CADENA, "Las causas del abandono del sacerdocio ministerial", *Medellín* 12 (1986) 87-95.

por outras motivações diferentes. Outros muitos sabem assumir semelhante situação e continuam vivendo sua fidelidade básica por outros rumos.

As situações são, entretanto, tão complexas, que se torna difícil julgar as pessoas a partir de fora, quando desconhecemos — em certas ocasiões, elas próprias também — quê fatores determinaram com mais força a sua decisão, pois, ao longo de todo o processo anterior, nem sempre se consegue distinguir com clareza qual foi a causa do abandono. Se as infidelidades provocaram a perda do entusiasmo para manter o compromisso, ou a falta de uma verdadeira vocação, com a qual nunca se identificou, facilitaram essas mesmas incoerências. Em qualquer hipótese, faz-se necessária uma mudança de orientação. Quando a Igreja desliga de tais compromissos, quer somente oferecer um gesto de misericórdia e compreensão para solucionar os erros e as falhas humanas¹².

O valor da decisão definitiva

É preciso reconhecer, além disso, que existem hoje muitas outras dificuldades que obstaculizam ainda mais o cumprimento fiel dos compromissos. Limito-me a enumerá-las brevemente¹³.

O conhecimento de nossas ignorâncias e do inconsciente despertou um mundo de suspeitas que elimina nossa segurança. Quem está certo do motivo pelo qual se comprometeu? Ainda que se chegue a conhecê-lo, parece um orgulho demasiado presunçoso querer abarcar o tempo, como se estivesse em nossas mãos dominar os acontecimentos futuros. Como saber se uma opção será sempre a melhor de todas? Tal-

¹² A. CHAPPELLE, "Que fait l'Église quand elle délie les vœux?", *Vie Consacrée* 45 (1973) 349-350. O tema do matrimônio exigiria um tratamento especial. Ainda que a Igreja tenha ampliado no último Código as causas de nulidade, continua defendendo a absoluta indissolubilidade do matrimônio sacramental e consumado. Sem entrar agora na problemática teológica e pastoral que esta doutrina levanta — cf. *Práxis cristã*, vol. II, Paulinas, São Paulo, 1984, 431-458 — poder-se-ia dizer que a impossibilidade de contrair novo matrimônio sacramental, apesar do engano que se pode ter cometido, seria para o católico, nas atuais circunstâncias, uma forma de manter sua fidelidade a Deus. Compreendo que sejam possíveis outras soluções — e foram pedidas no Sínodo sobre a família — Cf. meu artigo "La familia: del Sínodo a la *Familiaris consortio*", *Proyección* 30 (1983) especialmente 42-48 —, porém este motivo serviu, de fato, a muitos casais que fizessem frente a esta difícil situação.

¹³ Remeto a V. AYEL, *o. c.* (n. 1), 24-64 onde analisa as suspeitas e dificuldades de nossa cultura contra a fidelidade.

vez num regime de penúria, onde as possibilidades são muito reduzidas, optar por uma em concreto não suponha risco excessivo, mas quando vivemos num mundo de abundância e nem sequer as conhecemos todas, é razoável excluí-las para sempre?

As próprias estruturas sociais que gozavam de uma grande estabilidade e favoreciam os compromissos, experimentam agora menor credibilidade e firmeza. Hoje, mais que manter a ordem estabelecida e o respeito pelo tradicional, busca-se o diferente. O fenómeno da arte ou da música de protesto não é nada mais que um sintoma do prurido da novidade que se manifesta também no terreno religioso e prático, onde o carisma desperta maior simpatia que a instituição, e a ética de situação prevalece sobre a lei.

Apesar de tudo, convém levantar a voz em defesa da fidelidade. As grandes decisões da vida jamais se tomam com a pura razão. Fica sempre uma margem que é possível superar somente com a força do afecto. Não se trata, assim sem mais, de opções irracionais, mas que tampouco seriam tomadas se não estivessem subjacentes os anseios do coração, que tem suas razões que a cabeça não compreende.

O que escrevi acima, oferece horizontes de solução para muitas questões, porém não as elimina por completo. E mais ainda: a fidelidade vale precisamente pelo risco que supõe, porque não nasce de uma segurança absoluta que impeça o medo e a incerteza. É um desafio, — já que não existem evidências irrefutáveis —, mas nem de longe é estupidez. Por isso é possível o compromisso já que ninguém o faz com o que vai acontecer irremediavelmente. Comprometer-se a morrer, por exemplo, não tem nenhum sentido, pois cedo ou tarde isso terá de acontecer, pela simples força de semelhante acontecimento. Tratar-se-ia, no máximo, de um fatalismo sem mérito ou de uma resignação mais ou menos aceita. O homem fiel se arrisca, porque deseja oferecer algo que valha a pena.

Pressuposto prévio e meta final

Para ser fiel é necessário aceitar um pressuposto prévio: ter fé na capacidade do homem para orientar sua vida em carácter definitivo. Consciente do projeto que quer viver como resposta às exigências humanas e religiosas de seu interior, surge o desejo de conservá-lo para sempre. É um gesto de liberdade, porque a pessoa resiste a pactuar covardemente com o que agora é, e sonha com um futuro melhor que satisfaça as necessidades mais profundas de seu ser. Sabe que não pode renegar o passado, como se fosse possível omitir tudo o que a condiciona, e aceita ainda mais o mistério do futuro, mas não quer, tampouco, submeter-se

ao ritmo variável da história, viver como uma marionete nas mãos do destino ou deixar-se levar pela força dos acontecimentos naturais. Deseja ser dono e ator de suas próprias decisões, dar uma estrutura determinada que unifique sua existência e lhe outorgue identidade. O sim primeiro é o ponto de partida de um itinerário, que se compromete a percorrer, para conseguir o que quer e não o que as circunstâncias lhe impuserem.

É compreensível que as pessoas tenham medo a todo compromisso definitivo. Já o dissemos. Porém creio que nada justifica uma atitude descomprometida como defesa da liberdade. Esta nunca se torna sensata se não é posta a serviço de um ideal. E quando o homem é seduzido por esse ideal, compreende que é válido comprometer-se com ele¹⁴. Sua fidelidade fará com que sinta que a vida tem sentido. Por detrás e acima de tudo, sabe que Alguém o cumula de felicidade e o sustenta, porque, como diria São Paulo, "eu bem sei em quem coloquei a minha confiança" (2 Tm 1,12).

Tradução: Luiz A. Pinheiro O.S.A.,

¹⁴ V. WALGRAVE, " 'Je promets fidélité...' Réflexions sur le sens de la fidélité chrétienne et les conditions pour la vivre aujourd'hui", *Vie Consacrée* 45 (1973) 322-338. Seria necessário insistir também, ainda que agora não falemos deste assunto, sobre a importância que tem a instituição, como ajuda ou obstáculo, para manter os compromissos. Uma responsabilidade que afeta, de alguma maneira, a todos os que a formam, e que, em determinadas circunstâncias, adquire maior gravidade.

Eduardo López Azpitarte S.J. é doutor em Teologia pelo Institut Catholique de Paris (França). É catedrático de Teologia Moral na Faculdade de Teologia de Granada (Espanha). Professor convidado da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, Belo Horizonte, MG (1984/I e 1986/II). Entre suas obras contam-se: *Sexualidad y matrimonio, hoy*. Santander: Sal Terrae, 1982³; *Práxis cristã* (trad. bras.), 3 volumes. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984 ss (a tradução do vol. III está em preparação).

Endereço: Apartado 2002 — 18080 Granada - Espanha